







Indicações para Ficha catalográfica

Lumier, Jacob (J) [1948]:
Crise do Romance e Individualismo:
A Estandarização Como Fator da “Montage”
Em T. W. Adorno

Artigo de Sociologia

Editor: Bubok Publishing S.L., Madrid
– com notas, bibliografia, índice remissivo e sumário.
Novembro 2011, 37 págs.
Produção de e-book: Web sitio Leituras do Século XX –
PLSV: Literatura Digital
<http://www.leiturasjлумierautor.pro.br>
1. Sociologia da Literatura. 2. Comunicação Social.
I. Título.

©2011 by Jacob (J.) Lumier

Todos os Direitos Reservados



CRISE DO ROMANCE E INDIVIDUALISMO

*A Estandarização Como Fator da "Montage"
Em T. W. Adorno*

Artigo de Sociologia¹

Por



Jacob (J.) Lumier

Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV



Literatura Digital

<http://www.leiturasjlumierautor.pro.br>

Rio de Janeiro, em Novembro de 2011

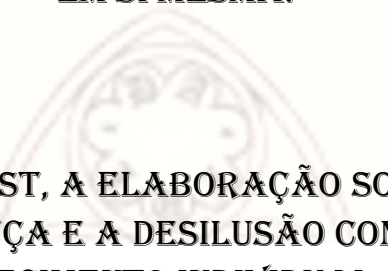
©2011 by Jacob (J.) Lumier

Todos os Direitos Reservados

¹ Este artigo é a versão modificada do capítulo homônimo que integra a primeira edição de minha obra “A Utopia Negativa”, publicada junto à Universidade de Málaga (Espanha).

Epígrafe

**UMA DAS FONTES DA
OBJETIVIDADE LITERÁRIA
É A CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL CONFIANDO
EM SI MESMA.**



**EM PROUST, A ELABORAÇÃO SOBRE A
ESPERANÇA E A DESILUSÃO CONSTITUI
UM CONHECIMENTO INDIVIDUAL CAPAZ
DE SERVIR DE FONTE PARA A OBJETIVI-
DADE LITERÁRIA.**

Apresentação

A crítica da cultura se defronta ao fenômeno da **estandardização**, o **Sempre Igual** da produção em massa, como marca do mundo administrado, em que se impõe a relação de comunicação social e se torna bloqueado o **quid** especial e particular indispensável à narrativa romanesca.

A crise da objetividade literária, a impossibilidade em narrar algo especial e particular deve ser examinada como supressão do objeto do romance em face da reportagem. O narrador romanesco não mais possui a experiência: as peripécias e as aventuras se generalizaram, já são conhecidas.

A literatura teria alcançado uma objetividade bem diferente dos realistas do século XIX, como Balzac ou Stendhal. O novo romance do século XX se teria voltado para dar expressão a um estado penetrado pelo sentimento de ausência dos valores essenciais, como elementos necessários à crítica social.

Rio de Janeiro, 12 de Novembro de 2011



Jacob (J.) Lumier



Crise do Romance e Individualismo

A Estandarização Como Fator da "Montage"
Em T. W. Adorno

Sumário

Epígrafe	6
Apresentação	7
A Coisificação do Mundo	10
Interpretação e Fantasia	20
Bibliografia	26
Índice Remissivo	28
Perfil do autor.....	29
NOTAS	32

A Coisificação do Mundo

A crise da objetividade literária, a impossibilidade em narrar algo especial e particular deve ser examinada como supressão do objeto do romance em face da reportagem. O narrador romanesco não mais possui a experiência: as peripécias e as aventuras se generalizaram, já são conhecidas.

Em face da descontextualização do romance realista do século XIX, na época da modernização industrial do século vinte, a crise de objetividade literária tem sido estudada a partir da correspondência entre os temas sócio-afetivos da obra literária e os modelos intensamente presentes nos públicos receptores.

Na sociologia da literatura admitiu-se que um aspecto dessa crise teria sido detectado pelos escritores de *avant-garde*, na medida em que suas obras exprimem não os valores realizados ou realizáveis, mas a ausência, a impossibilidade em formular ou perceber os valores

aceitáveis, em nome dos quais poderiam compor a crítica da sociedade.

Admitiu-se, igualmente, que tal impossibilidade posta ao indivíduo, sobretudo após a catástrofe do século XX, seria a transposição de um aspecto da grande transformação social e humana surgida com os mecanismos de auto-regulação da economia, levando o indivíduo a uma passividade crescente (daí o destaque na literatura de *avant-garde* para a figura do voyeur).

É o que autores como Lucien Goldmann estudaram sob o prisma da *reifificação*, como *processus psicológico*².

Entendeu-se que havia uma correlação sociológica direta entre a estrutura das sociedades econômicas sob o capitalismo organizado e o romance como gênero estético literário.

A literatura teria alcançado uma objetividade bem diferente dos realistas do século XIX, como Balzac ou Stendhal. O novo romance do século XX se teria voltado para dar expressão a um estado penetrado pelo sentimento de au-

² [Goldmann, 1964].

sência dos valores essenciais, como elementos necessários à crítica social.

Lembrem que, desde os anos 40/50, deixou de existir definitivamente o mercado da economia liberal, que cedeu lugar ao *papel regulador do Estado através de políticas econômicas*, inclusive com políticas de incentivo ao investimento ("Livre Mercado"), associadas ao fortalecimento de organismos multilaterais de cooperação comercial, a exemplo da OCDE.

Quando falam em *regulação do capitalismo*, em sentido geral, consideram os esforços para evitar agravamento das crises: política fiscal (keynesianismo), política cambiária, sistema e regulação financeira, sistema de bancos centrais (política monetária), basicamente. O *Federal Reserve Bank*, dos EUA, primeiro Banco Central, foi criado em 1913, na sequência da crise de 1907 – semelhante à grande depressão dos anos 1930 – dando início ao *Federal Reserve System*, foco da política monetária das

nações que, na mencionada década de 40, possibilitou a reconstrução mundial.

*A separação relativa da ciência e da arte, na modernidade, encontra-se em correlações com a **coisificação do mundo***

► Por sua vez, apreciando a produção literária sob uma abordagem bem diferenciada e individualizada, T. W. Adorno [i] enfoca a questão da objetividade em arte e literatura de *avant-garde*, sob vários aspectos além do *tema da ausência*, examinando-a sob a mirada do sociólogo, mas considerando-a no âmbito de uma filosofia antropológica, e da respectiva problemática da desmitologização – incluindo nisto o descrédito do tema da teodicéia na consciência ético-teológica, juntamente com o fim da ideia do destino na mentalidade individualista-literária [ii].

Em seu método, este autor leva em conta não somente a sociedade de mercado, caracterizada pela *mediação ou mediatização dialética*

[iii], mas a concomitante separação relativa da ciência e da arte.

Vale dizer, a separação relativa da ciência e da arte, na modernidade, é tomada em correlações com a **coisificação do mundo** segregada na produção para o mercado, de tal sorte que, por este via, para ser verificada como tal, a coisificação exige como pré-condição a desmagização e a desmitologização da cultura **[iv]**.

Com essa separação, o domínio subjetivo das impressões passa por exclusividade da arte, por um lado, enquanto, por outro lado, tudo o que diz respeito à objetividade no conhecimento, passa a pertencer à rede técnico-científica.

Em Proust, a elaboração sobre a esperança e a desilusão constitui um conhecimento individual capaz de servir de fonte para a objetividade literária.

► Todavia, o desencantamento do mundo não é assim simples redução à coisificação, e será possível reconhecer um elemento de objetividade literária, para além de meras impressões e pouco captável na rede técnico-científica.

Tratam-se certos conhecimentos acerca do homem e das conexões sociais, que podem reconhecer na elaboração poética de Proust, como necessários e constrictivos, cuja objetividade não pode ser reduzida à vaga plausibilidade, posto que seja componente da experiência humana individual e se preserva nos casos limites dessa experiência, a saber: *na esperança e na desilusão*.

Incluídos os conhecimentos individuais de um homem experimentado, tratados por Proust em uma série experimental ao pô-los em obra, como experiências individuais suas e não passíveis de generalização.

Daí se compreende que uma das fontes da objetividade literária seja a consciência individual confiando em si mesma, e não antecipadamente estreitada sob a censura do patamar organizado da vida social.

No dizer de T.W.Adorno, em Proust se reconhece aquilo que nos dias do individualismo burguês tinha valor social como formando os conhecimentos de um homem experimentado **[v]**.

*A crítica da cultura se defronta ao fenômeno da **standardização**, o **Sempre Igual** da produção em massa, como marca do mundo administrado, em que se impõe a relação de comunicação social e se torna bloqueado o **quid** especial e particular indispensável à narrativa romanesca.*

Estudando o deslocamento dos desafios originais do romance, na sua forma contemporânea, T.W. Adorno toma como referência, além do realismo do século XIX (a crise do modelo típico), a maior incidência dos meios de comunicação e do jornalismo na produção literária, especialmente a absorção dos desafios ao romance realista pela reportagem, como relato informativo, e pelos demais meios da indústria cultural.

Sobressai, então, através da leitura de James Joyce, a contraposição do romance à ficção da informação (ficção no sentido de que as reportagens são editadas), na mesma medida em que se busca o individualismo no ponto de vista do narrador e na relação com o leitor, tornado este último o receptor, em uma relação de comunicação social penetrada pelo paradoxo de que é impossível narrar, enquanto a forma do romance exige a narração.

Para a produção literária, *a identidade da experiência do sujeito foi destruída no século XX*, e a única atitude do narrador é de que a vida continua em si e articulada, qualquer narração posta como se o narrador fora o dono da experiência aparece como levando a suscitar a impaciência do receptor.

Trata-se do que T. W. Adorno desenvolvendo a Crítica da Cultura atribuiu ao fenômeno da *estandarização*, o **Sempre Igual** da produção em massa, marca do mundo administrado, no qual se impõe a relação de comunicação social e se torna bloqueado o **quid** especial e particular que o narrar significa.

Daí a indispensabilidade da Crítica da Cultura, sendo ilegítima a pretensão que leva a supor a interioridade do indivíduo como diretamente capaz de algo; daí também a justificção para a revolta de Joyce contra linguagem discursiva.

A crise da objetividade literária, a impossibilidade em narrar algo especial e particular deve ser examinada como a supressão do objeto do romance em face da reportagem: o narrador romanesco não possui a experiência, as

peripécias e as aventuras se generalizaram, já são conhecidas.

*Do ponto de vista da fantasia, o fracionamento da frase em Joyce é fruto de sua mirada artística sobre o **Hamlet** de Shakespeare, de tal sorte que sua revolta contra o discursivo se atribuiria ao procedimento artístico de composição do sonambulismo, ou da linguagem sonambúlica.*

► Desta sorte, o primeiro passo é compreender a posição despossuída do narrador, e isto se faz tomando em consideração algumas premissas indispensáveis.

Ou seja, sendo ligadas à indústria cultural, a informação e a ciência em sua permanência absorveram todos os conteúdos aos quais se podiam associar o que é positivo e apreensível, incluindo a faticidade do que se experimenta como interno ao sujeito.

A este efeito da produção em massa, corresponde o encobrimento ou ocultação do caráter inteligível, da essência: na **estandardização**, a superfície do processus vital social se vai *estruturando* mais densamente, e, por esta via,

leva a recobrir mais hermeticamente o caráter inteligível **[vi]**.

Finalmente, T. W. Adorno sentencia: a auto-alienação como tendência histórica consiste em converter as qualidades humanas dos indivíduos em lubrificantes para o suave funcionamento da maquinaria – basta visualizar os métodos de administração das relações humanas no mundo corporativo, onde as pessoas são assistidas e confortadas para renderem o máximo.



Interpretação e Fantasia

Do ponto de vista da standardização, a questão do acesso à obra literária de avant-garde passa pela prevalência da interpretação sobre o princípio da satisfação pela fantasia, e se impõe em modo diferenciado e autônomo, com as significações simbólicas envolvendo a própria fantasia, a exemplo do Ulysses, de James Joyce, em que a rebelião contra a linguagem conceitual conforma a fantasia.

Tem-se, então, que a sociologia literária orienta-se para a busca do individualismo, levando às seguintes constatações:

(a) – no século XX, como leitor ou receptor da narrativa literária, o indivíduo encontra-se numa relação de comunicação social;

(b) – o mundo da comunicação social, o mundo dessa relação emissor-receptor de significações simbólicas ou mensagens da indústria cultural, como esfera do que é **mediatizado**, é um *mundo administrado*, que funciona a exemplo da maquinaria, e que

é percebido pelo indivíduo sob a *censura da organização corporativa*, isto é, como a experiência do **Sempre Igual [vii]**;

(c) – a essa experiência classificada sociologicamente como **standardização**, corresponde o indivíduo como incapaz de afirmar diretamente os valores humanos.

► Deste ponto de vista, a questão de chegar ao valor estético da obra literária torna-se bastante complexa, não sendo mais admitido que o **princípio de satisfação pela fantasia** seja diretamente acessível.

Cabe então à sociologia literária levar em conta que o valor estético, como a qualidade pela qual a obra de literatura alcança os traços da nova sociedade nascente, isto é, como significação simbólica, exige os procedimentos de *mediatização dialética*³, em que se verifica a coisificação do mundo.

Desta sorte, juntamente com a *prevalência da interpretação sobre o princípio da satisfação pela fantasia* - até então especificidade do fato literário, sobretudo no aspecto da relação obra/público - passa a impor-se em modo diferenciado e autônomo, sem

³ Veja a NOTA [iii] sobre o termo sociológico *mediatização*.

paralelo com o romance realista, a questão do acesso à obra literária de *avant-garde*.

Verificam-se, então, as significações simbólicas envolvendo a própria fantasia, a exemplo do ***Ulysses***, de James Joyce, em que a rebelião contra a linguagem conceitual conforma a fantasia, e não o contrário.

► Por um lado, podem observar as significações da própria fantasia, permitindo chegar à compreensão provisória de que o fracionamento da frase em Joyce seja fruto de sua mirada artística sobre o ***Hamlet***, de Shakespeare, e que, portanto, aquela revolta contra o discursivo se deveria ao procedimento artístico de composição do sonambulismo, ou da linguagem sonambúlica.

Por outro lado, a abordagem da sociologia literária de T. W. Adorno torna então imprescindível que seja explicitado o caráter sociológico dessa linguagem sonambúlica, como significação simbólica ou penetrada pela *mediatização*, a significação produzida pela e na indústria cultural, de que se faz a *montage*, sendo confirmado que a rebelião contra a linguagem conceitual conforma a fantasia, e não o contrário.

► Desta sorte, a reflexão estética passa a incluir a sociologia literária na medida em que, se exercendo sobre o **futurismo**, como perspectiva própria ao mundo administrado, faz com que essa perspectiva seja desenvolvida como crítica da cultura, o que será conseguido, por sua vez, a partir da análise da *fantasia futurista* no romance "**Brave New World**", de Aldous Huxley, análise desenvolvida por T. W. Adorno, no início dos anos de 1940, em termos de **utopia negativa**, incluindo, notadamente, a crítica da ideologia do futurismo.

*O mundo **estandardizado** da comunicação social encontra a sua perspectiva no **futurismo** que, "desideologizado", revela-se uma projeção da utopia negativa, à luz da qual é possível chegar à significação simbólico-cultural da literatura e arte de avant-garde.*

Notem, para encerrar, que a orientação da reflexão estética em direção ao exclusivamente mediatizado imprime um caráter específico ao estatuto da realidade, solucionando o problema da crise de objetividade literária.

Nos quadros intelectuais dessa reflexão, a realidade cuja *montage* ocupa a literatura e a arte de *avant-garde*, só pode ser alcançada pelas significações produzidas na e por a indústria cultural e a cultura de massa, ***onde os gestos prevalecem sobre as palavras.***

Diferente do realismo literário do século XIX, que valorizava a intermediação dos agrupamentos sociais e as correntes de vida moral, como qualidades da realidade a ser pintada, na crítica da cultura, por sua vez, a realidade detectada, a realidade em estado de *montage* é aquela que, sendo produzida na e por a indústria da produção em massa, tem existência social no mundo administrado da comunicação social, onde é verificada como *realidade coisista*.

Desta forma, os quadros de referência tornados operativos na crítica da cultura já são igualmente produzidos e integrados no mundo administrado, tomado este por si mesmo, e compreendem os gêneros de vida que correspondem e são identificados à indústria cultural.

Para reconstituir tais quadros operativos ou categorias, como aplicações da crítica da cultura, haverá que aprofundar o seguinte: (a) – que T. W. Adorno efetua a *montage* de sua Crítica da Cultura procedendo à desarticulação da **ideologia do futurismo**, em vista de (b) – reaproveitar o futurismo assim *desideologizado*, tornando-o operativo como perspectiva da reflexão estético-sociológica, na medida em que o integra como projeção da utopia negativa.



Bibliografia

1. [Adorno, 1962] - Adorno, Theodor. W.: "Notas de Literatura", tradução Manuel Sacristán, Barcelona, Editora Ariel, 1962, 134 pp.

2. [Adorno, 1962a] Adorno, Theodor W. (1903 - 1969): "Prismas: la Critica de la Cultura y la Sociedad", tradução de Manuel Sacristán, Barcelona, Ariel, 1962, 292 pp. (Original em Alemão: Prismen. Kulturkritik und Gesellschaft. Berlin, Frankfurt A.M. 1955).

3. [Bachelard, 1974] - Bachelard, Gastón (1884 -1962): "O Novo Espírito Científico", São Paulo, editora Abril, 1974, coleção "Os Pensadores", vol.XXXVIII, pp.247 a 338 (1ª edição em Francês, 1935).

4. [Beckett, 1931] - Beckett, Samuel (1906 - 1989): "Proust", Londres, Evergreen Books, 1931. Versão em Espanhol.

5. [Goldmann, 1964] - Goldmann, Lucien (1913 - 1970): Pour une Sociologie du Roman, Paris, Gallimard, 1964, 238 págs.

6. [Gurvitch, 1986] - Gurvitch, Georges (1894-1965): "A Vocação Actual da sociologia -vol.II: antecedentes e perspectivas", tradução da 3ª edição francesa de 1968 por Orlando Daniel, Lisboa, Cosmos, 1986, 567 pp. (1ª edição em francês: Paris, PUF, 1957).

7. [Memmi, 1968] - Memmi, Albert (1920): "Problemas de Sociologia da Literatura", publicado como colaboração no Tratado de Sociologia-Vol. 2, dirigido por Georges Gurvitch, Porto, Iniciativas Editoriais, 1968 (1ª edição em Francês: Paris, PUF, 1960).

8. [Sarraute, 1956] - Sarraute, Nathalie (1900 - 1999): "L'Ère du Supçon", Paris, Gallimard, 1956; publicado originalmente no periódico "Les Temps Modernes", Outubro, 1947.

9. [Wright Mills, 1971] - Wright Mills, C. (1916 - 1962) e Gerth, Hans H. (1908 - 1978) - Organizadores: « Max Weber : Ensaios de Sociologia », 2ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1971, 530 pp. (1ª edição em Inglês : Oxford University Press, 1946).

Palavras Chave: Objetividade literária/ realidade coisista/ montage/ supressão do objeto do romance/ reportagem/ interpretação/ significação cultural/ standardização/princípio de satisfação pela fantasia/ significações simbólicas/ Sempre Igual/ Desmitologização da cultura/.

Categorias: Estética sociológica/ Crítica da Cultura/ Futurismo/ Indústria Cultural/ coisificação/ Fantasia/ Significação cultural/ significações simbólicas/ valor estético.

Crise do Romance e Individualismo:
A Estandarização como fator da Montage
em T. W. Adorno

FIM



Índice Remissivo

alienação, 19
avant-garde, 10, 13,
22, 24
coisificação, 13, 14, 21,
27
fantasia, 21, 27
individualismo, 15,
16, 20
indivíduo, 11, 17, 20
leitor, 16, 20
mediatização, 21, 22
mundo, 14, 17, 20, 23,
24
narrador, 16, 18
realidade, 23, 27
reificação, 11
sociedade, 11, 13, 21
valor, 15, 21, 27

Perfil do autor



Jacob (J.) Lumier

É sociólogo profissional e exerceu a docência, lecionando Sociologia e Metodologia Científica junto à universidade privada e junto à universidade pública. Exerceu também as atividades de pesquisador com o amparo de fundação científica.

Seus ensaios sociológicos buscam contribuir e avançar na reflexão de uma situação de fatos com grande impacto, em que, sob a influência do impressionante desenvolvimento das técnicas de comunicação, passamos num abrir e fechar de olhos pelos diferentes tempos e escalas de tempos inerentes às civilizações, nações, tipos de sociedades e grupos variados.

No dizer de Georges Gurvitch, a unidade do tempo revelou-se ser uma miragem, como nos mostraram, simultaneamente, a filosofia (Bergson) e a ciência (Einstein).

Tornou-se claro que a unificação dos tempos divergentes em conjuntos de tempos hierarquizados, sem o que é impossível nossa vida pessoal e a vida das sociedades, não é uma unidade que nos seja dada, mas uma "unificação a adquirir pelo esforço humano, onde entra a luta para dominar o tempo, dirigi-lo em certa forma". Tal o problema da orientação no mundo, que penetra as expectativas e a sociologia do conhecimento investiga.

O autor Jacob J. Lumier produz seus trabalhos sociológicos em versão e-book a partir de sua Web "Leituras do Século XX" e os comunica no OpenFSM, de que é membro. Os difunde em cooperação junto à Web da Organización de Estados Iberoamericanos

para la educación, la ciencia y la cultura – OEI e na Web do Ministério da Educação de Brasil (web Domínio Público).

► A Primeira edição de seu ensaio "A Utopia Negativa" foi publicada em 01 de Setembro de 2010, junto à Universidade de Málaga, Espanha (ISBN-13: 978-84-693-6125-2, Nº de Registro: 10/89770).

► Outros títulos do autor publicados por Bubok Publishing S.L- Madrid, Espanha:

(a) "A Moral do Artista: Leitura de Proust" (Uma Abordagem Inspirada em Samuel Beckett), ensaio 135 págs. - ISBN: 978-84-9981-603-6; publicado em 28 de Septiembre de 2010.

(b) "Comunicação e Sociologia" – Artigos Críticos / 2ª Edição modificada, ensaio 149 págs. – ISBN (versão em papel): 978-84-9981-937-2; ISBN (versão e-Book): 978-84-9981-938-9; publicado em 30 de Octubre de 2010.

(c) "A Ideia Tridimensional em Sociologia", Ensaio, 148 págs. - ISBN (versão em volume): 978-84-9009-129-6; ISBN (versão e-book): 978-84-9009-130-2; publicado em 10 de Agosto de 2011.

Copyright ©2011 by Jacob (J.) Lumier

Todos os direitos reservados

Produção deste e-book concluída pelo autor desde Rio de Janeiro, junto à Web "Leituras do Século XX", Em 7 de Novembro de 2011; Segunda revisão concluída em 12 de Novembro 2011.



Logo do Website Produção Leituras do Século XX
– PLSV: Literatura Digital <http://www.leiturasjulumierautor.pro.br>

Ícone gráfico do autor Jacob (J.) Lumier





NOTAS

[i] Adorno, Theodor W: Notas de Literatura, tradução de Manuel Sacristán, Barcelona, Ed. Ariel, 1962, 134 pp.

[ii] O tema da teodicéia foi tratado no âmbito da sociologia do conhecimento por Max Weber, [Wright Mills, 1971], págs.318 sq, 409 sq. Tivera Max Weber observado que o impacto da cultura veste uma nova roupagem à teodicéia, cujo problema central deixa de ser o da existência do sofrimento e do mal, para se concentrar na imperfeição do mundo condenado ao pecado. Tivera ocorrido uma reação, um verdadeiro “processo moral” contra a cultura difundida **a partir do século XVIII**, com os valores humanos sendo alvos de acusação. A teodicéia aparece então para Max Weber como a questão essencial das religiões monoteístas, estando na base das escatologias messiânicas, das representações relativas às recompensas e aos castigos na outra vida, notadamente, na base das teorias dualistas, em que se confrontam “bem e mal”, até o triunfo definitivo do bem em um tempo indeterminado.

A estrutura mental da teodicéia aparece a como o conjunto das respostas “racionalmente satisfatórias” para explicar a “incongruência entre o destino e o mérito”, de tal sorte que teríamos aí a configuração de uma “necessidade racional”; uma “exigência ineradicável” levando à “concepção metafísica de Deus e do Mundo”. É em relação aos “efeitos extremamente fortes” dessa necessidade racional de uma teodicéia, que Max Weber atribui “os traços de religiões como o hinduísmo, o zoroastrismo e o judaísmo e, até certo ponto, o cristianismo Paulino e posterior”.

Como exemplos desses “efeitos extremamente fortes” da necessidade racional de teodicéia, Max Weber cita dados de 1906,

já no século XX, portanto, mostrando que, dentre um número bastante considerável de proletários, (a)-só uma simples minoria mencionou, como razões para deixar de acreditar no cristianismo, as teorias das modernas ciências naturais, enquanto (b)- a maioria referiu-se à injustiça da ordem do mundo. Para Max Weber, esta última referência revelou a atitude dos que acreditavam “numa compensação revolucionária ainda neste mundo” - quer dizer que, ainda em 1906, os efeitos extremamente fortes da necessidade racional de uma teodicéia estavam presentes e eram atuantes na crença revolucionária dos proletários.

É claro que, neste enfoque sociológico, a possibilidade para a teodicéia superar suas dificuldades e vir a reforçar a crença nas religiões, não era lá muito grande. Podemos ler a fórmula geral de que se pode explicar o sofrimento e a injustiça em referência ao pecado individual, ao pecado dos ancestrais ou pela maldade das criaturas por si. A estas explicações se sobrepõem “promessas de recompensas”, em que têm lugar a esperança de uma vida melhor no futuro seja neste mundo ou para os sucessores; ou ainda as esperanças de uma vida melhor no outro mundo. Para Max Weber, as respostas para a incongruência entre o destino e o mérito não poderiam se afastar muito desse esquema, o que torna prevista a constatação da ligação entre teodicéia e atitude revolucionária.

[iii] O termo mediação ou mediatização, acentuando o primado do que é mediato (símbolo) sobre o i-mediato (simbolizado), é um termo introduzido na sociologia para dar conta da redução efetiva do mundo dos valores ao nível implícito, e o desaparecimento dos mesmos, como realidades manifestas diretamente apreendidas.

[iv]

► Essa orientação de T. W. Adorno implica o **reconhecimento da laicização**, no sentido preciso de que os humanos deixam de temer as forças que eles próprios criaram, tidas por sobrenaturais, e, deste modo, afirmam sua *liberdade libertadora*: assim efetuada na realidade social e história, a laicização revela-se,

pois, um fato essencial do mundo da produção (esse reconhecimento permitiu a Karl Marx elevar-se acima da mentalidade mistificada da economia política clássica).

Com efeito, em Marx, a consciência alienada é a manifestação da sociedade capitalista no plano da produção das ideias. Quer dizer, por fundamentar-se no **fetichismo da mercadoria** e na incapacidade da estrutura social para dominar as forças produtivas, que ela própria suscitou como aprendiz de feiticeiro, a sociedade capitalista leva ao primado das forças materiais.

A consciência burguesa, manifestada nos economistas estudados por Marx, é mistificada ou ideológica porque está impregnada pelas representações características de um período particular da sociedade em que a primazia cabe às forças materiais (um período primitivo, com a sociedade submetida às suas representações sobrenaturais).

► A consciência alienada tem, pois, vários aspectos estudados por Marx na dialética das alienações que nada tem em comum com a concepção mística e a dialética mágica de Hegel (como se sabe, em Hegel, a dialética é primeiro que tudo Deus; em seguida, são as suas emanações: o espírito e a consciência, que se alienam (perda de si) no mundo para retornarem a Deus) - já em Marx, qualquer movimento dialético está ligado em primeiro lugar à práxis social.

Com toda a razão, Marx insistiu contra Hegel no fato de que, em modo nenhum, a objetivação não devia confundir-se com a perda de si: sem objetivação, as sociedades e as civilizações não poderiam subsistir.

Na dialética das alienações desenvolvidas em "A ideologia Alemã" (elaborada em 1845, mas publicada depois de 1883, postumamente), na qual, em resumo, (a) o trabalho é alienado em mercadorias; (b) o indivíduo é alienado à sua classe; (c) as relações sociais são alienadas ao dinheiro, notam-se que essas alienações são afirmadas como expressões da revolta de Marx contra Hegel, e, notadamente, contra a equivocada análise hegeliana da realidade social, que projeta a alienação da sociedade e do homem em proveito do Estado.

[v] Ver Adorno, Theodor W: Notas de Literatura, op. cit.

[vi] Em sociologia as condutas cristalizadas e símbolos padronizados pelos regulamentos preestabelecidos e hierarquizados, tomados em sua extensão na mentalidade coletiva, consolidam uma crosta dogmática que reforça o determinismo dos aparelhos organizados e tem relevo no estudo da consciência alienada por T.W. Adorno. Trata-se de uma referência central da estruturação da indústria cultural, tomada esta última, por sua vez, como tipo de estrutura parcial diferenciada nas sociedades de classes com notado avanço das técnicas de comunicação.

[vii] Ver a nota anterior.

Copyright 2011 by Jacob (J.) Lumier
Todos os direitos reservados



Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV:
Literatura Digital

<http://www.leiturasjлумierautor.pro.br>



